

Apresentação – Revista SURES

O primeiro número da revista SURES traz um dossiê intitulado “Arquivos de Fronteiras”, resultado do VI Congresso Internacional Roa Bastos ocorrido em outubro de 2011 na Unila. Aqui reunimos artigos que refletem sobre a diluição das fronteiras em sentidos muito diversos – territoriais, linguísticos, culturais e de gênero – a fim de problematizar não apenas a ideia de nação como também outras delimitações cujas estreitezas e simplificações já não cabem no contexto contemporâneo.

Seus autores percorrem um itinerário semelhante: procuram pensar a fronteira como um lugar de negociação constante de sujeitos, linguagens e identidades. Espaços onde a territorialidade, antes que delimitadora de especificidades, abre-se à dinâmica dos novos trânsitos e fluxos que reelaboram nossa percepção e relação com o espaço e a tempo.

O primeiro artigo - “Fronteras del centro/fronteras de la periferia: sobre el portunhol selvagem de Douglas Diegues” - parte da análise da condição híbrida do poeta brasiguayo-carioca Douglas Diegues que, com a sua língua poética inventada sob medida para expressar a experiência de habitar um contexto “(bio)geográfico” trifonteiriço, como afirma a autora, propõe uma “poética-política” cuja reflexão problematiza as antigas dicotomias que por muito tempo presidiram o pensamento crítico latino-americano (centro-periferia, por ex.) e que, no entanto, são obrigadas a reconfigurar-se em um cenário artístico e social muito mais complexo.

O segundo artigo - “Fronteiras da identidade: o texto híbrido de Gloria Anzaldúa” - detém-se mais especificamente na fronteira *chicana* entre os EUA e o México e na necessária reinvenção de subjetividades, especialmente no tocante ao feminino. Neste contexto, a língua também sofre suas próprias mutações e o *spanGLISH*, incorporado à narrativa analisada, é fundamental para a condição híbrida que se impõe. Como afirma a autora: “a língua ocupa um lugar preponderante na reconfiguração da nova identidade da fronteira”.

Em “Xiru: el sentido dislocado”, temos a oportunidade de seguir “la huella paseante” de seu autor que, manejando uma escrita bastante poética, nos conduz ao problema da disputa pela terra paraguaia, que deixa, como consequência e legado, uma cisão perdurável. Após traçar um pequeno histórico do processo de modernização, no qual prima o duvidoso protagonismo brasileiro, nos submerge em profundas reflexões sobre a linguagem e suas ideologias e ecos imaginários. Ao redor da palavra *Xirú* nos lança no vasto universo polissêmico que funciona, também, como metonímia para a região: um nome que nomeia uma vasta gama de diversidades, conflitos e cumplicidades.

O artigo “Intercambios fronterizos, metamorfosis del espacio y desplazamiento lingüístico” nos remete, novamente, à zona fronteiriça entre o Brasil e o Paraguai e à dimensão subjetiva da prática cotidiana de cruzar a fronteira entre os dois países, assim como dos fluxos migratórios que transitam e circulam “capitais simbólicos” diferentes e conflitos culturais que, no caso do romance analisado, referem-se aos *terratenientes* brasileiros em solo paraguaio. Segundo a autora do artigo, tal romance “nos permite adentrarnos a ciertos rincones de la historia paraguaya vedados por la historiografía convencional.”

Já o artigo “Reflexões sobre o nacionalismo na América Latina e as vias de comunicação como difusoras de consciência nacional na Argentina”, dedica-se a pensar a construção imaginária da nação a partir de um elemento geográfico de grandes inserções simbólicas: a construção das vias de comunicação territorial (linhas de ferro, estradas, vias fluviais e telégrafo). É a partir da revisão bibliográfica sobre a construção nacional que o autor ratifica a concepção de nação como “comunidade imaginada” introduzindo, porém, uma crítica ao determinismo conferido ao papel da escrita como fomentador da ideia de nação, relegando a segundo plano ou simplesmente desconhecendo as outras linguagens que sobrepõem a imagem e a oralidade ao império da escrita europeia. O autor reconhece na criação das vias terrestres e fluviais a escrita do “progresso” que permitiria a circulação das “ideologias e dos imaginários de nacionalidade”.

Com o artigo “Entre plumas e paetês: fronteiras e limites de gênero em *Sirena Selena vestida de pena*”, deixamos a temática territorial para remeter-nos à necessária revisão de outras

fronteiras: a partir da análise do romance proposto, o autor trabalha a “subversão das fronteiras e limites das identidades calcadas sobre o dualismo restritivo masculino/feminino na América Latina”. Em torno ao tema das identidades de gênero e culturais, problematiza-se a criação histórica dos códigos hegemônicos que regem as relações sociais; neste contexto, a criação literária é abordada como artefato cultural capaz de elaborar a tensão e os conflitos imanentes aos determinismos biológicos e culturais de gênero e sexualidade.

O artigo “A arte como experiência estética do ego dissociado: Arthur Bispo do Rosario” nos conduz à fronteira mais intrínseca do homem com seu próprio mundo inconsciente através da análise da obra de Bispo do Rosario. Segundo o autor, a arte se introduz no limiar entre a razão e a loucura, outorgando ao artista a possibilidade de reordenamento do eu e do mundo; reordenamento linguístico que confere ao seu expectador toda uma experiência de ressignificações diversas.

O último artigo deste dossiê, “José María Arguedas y mi mamá” trabalha a problemática de outra fronteira: aquela que se estabelece entre a obra literária e o seu leitor; a fronteira da leitura entre mundos próprios e alheios contidos no texto literário. Através deste artigo, também ele formalmente fronteiro, pois caminha entre a crítica literária e o relato de vida, seu autor nos leva a pensar as referências cruzadas – tanto pessoais quanto coletivas – que emergem da elaboração literária e da sua prolongação na leitura: idiossincrasias e conflitos históricos e/ou culturais que transbordam e alcançam os leitores, também eles tradutores de mundos imaginários.

Outra seção é a que abre espaço para a publicação de textos inéditos de criação. Neste número incluímos um poema do importante poeta argentino Washington Cucurto e outro da estudante de Letras e também poeta Eva Taberne, assim como uma crônica da antropóloga Danielle Araújo. Este espaço pretende, portanto, democratizar a divulgação literária, tornando-a acessível e importando apenas a qualidade da proposta.

Para finalizar, ressaltamos que a revista SURES está aberta a resenhas que ultrapassem o contexto livresco. Neste sentido, neste número apresentamos, junto com as três resenhas literárias (de crítica e poesia), uma resenha do Seminário “Encontro de Saberes” e outra da Exposição “Joaquín Torres García”.

Desejamos a todos uma boa leitura! E que o prazer e a reflexão se unam ultrapassando, por fim, estas última fronteira.